



TEMOR E TREMOR: A NATUREZA DA FÉ NO PENSAMENTO DE KIERKEGAARD PARA A ATUALIDADE

Mônica Aparecida Fernandes

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas de Gerais, MG – Brasil.
monica.heliodora@bol.com.br

Ronny Francy Campos

Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP -
Brasil.

ronnycampos@pucpcaldas

Resumo: Este artigo é uma reflexão sobre a obra clássica do filósofo dinamarquês Sören Aabye Kierkegaard (1813 – 1855), *Temor e Tremor* – um livro escrito em 1843, quando o autor tinha 30 anos e encontrava-se reavaliando seus conceitos individuais de fé e de cristianismo. Na busca de sentido religioso interior, Kierkegaard foi se tornando um filósofo solitário, usando sua própria existência como base para compreender o sentido último da existência humana. *Temor e Tremor*, obra do pai do Existencialismo, aprofunda a perspectiva dialética da existência humana sob o enfoque da fé em relação ao Transcendente. Para Kierkegaard, não existe somente o concreto e o abstrato, mas sim uma intrínseca relação entre ambos que norteiam as experiências humanas. Nesta obra, Kierkegaard não nega seu passado cristão, mas, sim, afirma que esta doutrina religiosa deve ser internalizada pelo indivíduo segundo suas próprias demandas subjetivas. A análise contida em *Temor e Tremor* ainda possui parâmetros atuais para a reflexão do homem quanto à conduta religiosa, devendo, portanto, ser resgatadas.

Palavras-chave: Kierkegaard. Fé. Existência. Homem.

FEAR AND TREMBLING: THE NATURE OF FAITH IN KIERKEGAARD'S THOUGHT FOR TODAY

Abstract: *This article is a reflection on the classic work of Danish philosopher Sören Kierkegaard Aabye (1813 - 1855), Fear and Trembling - a book written in 1843, when the author was 30 years old and was reevaluating his individual concepts of faith and Christianity. In search of inner religious sense, Kierkegaard was becoming a solitary philosopher, using its own existence as a basis to understand the ultimate meaning of human existence. Fear and Trembling, the work of the father of Existentialism, deepens the dialectical perspective of human existence from the perspective of faith in relation to the Transcendent. To Kierkegaard, there is not only the concrete and the abstract, but an intrinsic relationship between the two that guide human experiences. In this work, Kierkegaard does not deny his Christian past, but rather asserts that religious doctrine should be internalized by the Individual according to his or her own subjective demands. The analysis in Fear and Trembling still has current parameters for Man's reflection on religious behavior and should therefore be redeemed.*

Keywords: Kierkegaard, Faith, Existence; Man.

Introdução

Este artigo é uma reflexão sobre a obra clássica do filósofo dinamarquês Sören Aabye Kierkegaard (1813 – 1855), *Temor e Tremor* – um livro escrito em 1843, quando o autor tinha 30 anos e encontrava-se reavaliando seus conceitos individuais de fé e de cristianismo. Kierkegaard nasceu em Copenhague, no dia 5 de maio de 1813, filho de Michael Pedersen Kierkegaard e Anne Srendatter Kierkegaard viveu toda a sua primeira infância ao lado do pai que insistia na devoção religiosa como um meio de ensiná-lo os valores morais. O pai ensinava-lhe condutas rígidas de comportamento segundo os princípios religiosos ortodoxos da Igreja Luterana. Tal influência do sentimento religioso foi um dos motivos do ingresso de Kierkegaard no curso de Teologia na Universidade de Copenhague, onde tomou conhecimento do racionalismo de Hegel (mais tarde, Kierkegaard se tornará um crítico à esta corrente filosófica, alegando que Hegel não conseguiu explicar a completude humana dentro da existência concreta do Indivíduo). Quando Kierkegaard denuncia a racionalidade moderna que desmancha as relações do Homem com a Vida, este autor nos convida a vivermos intensamente a fé como um meio de aproximação e devoção com o Absoluto. Porém, o ideário que Kierkegaard irá contestar é a extrema burocratização da Igreja luterana que a faz afastar da verdadeira religiosidade interior de cada cristão. Esse pensador não se conformava com as discrepâncias entre a natureza introspectiva da fé cristã e a alienação política e social que a Igreja estabelecia. O cristianismo que seu pai lhe ensinara era embasado na angústia e no desespero da obsessão do pecado original, que por fim não trazia conforto e alívio para seus crentes e era demasiadamente rígido. Na busca deste sentido religioso interior, Kierkegaard foi tornando-se um filósofo solitário, usando sua própria existência como base para compreender o sentido último da existência humana.

O rompimento de seu noivado com Regine Olsen, por quem era muito apaixonado, contribuiu ainda mais para a solidão intelectual do filósofo que admitiu realizar tal ato como consequência de uma vocação filosófica e religiosa. Ele travou uma batalha solitária com seus próprios pensamentos neste exílio solitário para elaborar o sentido de sua própria existência. Através da solidão em que embarcara voluntariamente, Kierkegaard voltou-se para os textos da Bíblia na tentativa de analisar e internalizar o sentido existencial que alcança seu ápice na vida do Ser Humano: a fé. Porém, o filósofo volta-se para uma análise do livro sagrado do cristianismo em seu aspecto conotativo, dotado de subjetividade e poesia. Nesta perspectiva, de acordo com Farago (2006), a verdadeira lição do cristianismo para Kierkegaard é anular o mundo voltado para a imediatidade em todos os domínios, porém, principalmente no aspecto espiritual e religioso, assim como na maneira de relacionar-se com os textos fundadores da doutrina como no modo de referir-se ao dogma como argumento de autoridade.

O isolamento de Kierkegaard serviu de inspiração para o seu desenvolvimento filosófico e intelectual. Desta forma, esse pensador esteve sempre se interrogando e analisando a si próprio dentro de suas obras. Nessa perspectiva, Kierkegaard assinalou que o ato de “escolher” seria uma das principais idéias que norteiam a sua filosofia. O filósofo defendia a posição de que “qualquer esquema particular de conceitos constitui apenas uma possibilidade entre outras, cuja

concretização não depende dos próprios conceitos individuais, mas do indivíduo” (KIERKEGAARD, 1979, p. 10). Assim, não existiriam quaisquer razões de ordem lógica que pudessem obrigar o homem a uma ou outra maneira de viver, pois a existência humana não é “dada”, não é “pré-estabelecida”, e sim construída. Existir como Ser Humano é tomar consciência de não ser completo em si (como Deus) e também de não ser como os outros seres vivos que vivem apenas na dimensão imediata e concreta do mundo. Portanto, o Ser Humano é mais do que uma junção de alma (*psique*) e corpo, ele também é portador de um espírito que, de acordo com a leitura de *Temor e Tremor*, somente encontra sua completude quando está em relação com o Infinito, o Absoluto. A existência de todos os seres humanos deve ser compreendida em seu significado mais nobre, pois ela seria mediada por Deus, o denominador comum da vida, do modo como concebemos. Quando o Homem é consciente de sua dependência do Absoluto, ele consegue nascer para si mesmo e construir sua existência nesta perspectiva.

Revela-se evidente que este caminho só pode ser percorrido pela dialética, que, simultaneamente, não nega nem mesmo define a dinâmica da existência. *Temor e Tremor*, por sua vez, é uma obra que aprofunda a perspectiva dialética da existência humana sob o enfoque da fé em relação ao Transcendente. Nesta obra, Kierkegaard não nega seu passado cristão, mas, sim, afirma que esta doutrina religiosa deve ser internalizada pelo Indivíduo segundo suas próprias demandas subjetivas, e não se apresentar como conteúdo reprodutor de um discurso alienante. Assim, a fé tem seu caráter intrínseco de subjetividade e não se enquadra em nenhuma explicação científica, contradizendo todas as tentativas do período pós-moderno de explanar a existência humana baseando-se somente em dados objetivos e científicos. A objetividade é necessária para compreender determinados fenômenos humanos, mas, isoladamente, ela não é suficiente. O resgate da fé torna-se método de contato com um mistério que transcende todas as explicações e completa o Ser Humano, em um movimento de reconciliação com Deus. Esta fé está presente no discurso de Kierkegaard em seu relato pela busca cristã individual. Segundo Ponte, a vida deste pensador “estava fadada a escutar constantemente as vozes de uma angústia que, tanto surgiu em seu aspecto doloroso quanto como condição de possibilidade de compreensão do ser humano em sua relação com Deus” (PONTE, 2001, p. 30).

Discussão

Sören Aabye Kierkegaard, pensador do século XIX, foi proclamado Pai da corrente filosófica denominada *Existencialismo*. Esta corrente de pensamento se intensificou no século XX (mais notavelmente na década de 60), tendo sua difusão na Europa, com maior repercussão na França do pós-guerra. Assim como outros pensadores dessa corrente filosófica, Kierkegaard pensava o Homem como um ser existente que tem grande potencial para se realizar especialmente através da própria vivência, e não a partir de algo pré-estabelecido (como acreditavam os humanistas, ao exaltar o homem dentro da natureza). Ou seja, é no desenrolar da existência que o Indivíduo vai constituindo-se como pessoa. Desta forma, o objeto de estudo da filosofia kierkegaardiana é a análise e a descrição da existência concreta que é paradoxal e dialética.

Nesta concepção, a existência é compreendida como algo individual e inserida em um contexto real. Para Kierkegaard, não existe somente o concreto e o

abstrato, mas sim uma intrínseca relação entre ambos que norteiam as experiências humanas. Por isso o filósofo é um crítico constante do idealismo de Hegel, pois para ele a existência concreta humana não se enquadra dentro de uma realidade limitada de conceitos lógicos. Kierkegaard irá propor, então, uma nova concepção filosófica para compreender o Ser Humano. Em síntese, para esse filósofo, existe uma verdade subjetiva que é única a cada Indivíduo. O conhecimento de uma realidade objetiva só será devidamente compreendido se esta tiver um sentido na vivência da própria pessoa. Nesta dinâmica, até mesmo a verdade pregada pelo cristianismo não seria objetiva, mas sim subjetiva (através da internalização da doutrina cristã na vivência de cada Indivíduo). Desta forma, a subjetividade humana toma seu lugar de destaque na teorização de Kierkegaard. Dentro de tal descrição filosófica, encontramos vários termos que o filósofo recorreu muitas vezes em suas obras: desespero, angústia, dúvida, Indivíduo, Homem, Deus, existência. Desta forma, a dialética de Kierkegaard está envolvida como oposição de conceitos (finito/infinito; revelação/mistério; reflexão/alienação, etc.) numa dinâmica ambígua, o conflito existencial ocorre frente às várias possibilidades que podem nortear o “eu”. Por isso, segundo Giles, “o pensamento de Kierkegaard é um estudo profundo, cruel até, das diversas formas da luta do homem consigo próprio para a conquista da existência, que é a conquista do próprio ‘eu’ em sua individualidade” (GILES, 1989, p. 22). Esta proposta filosófica foi considerada inovadora para a época em que surgiu, pois suas análises estavam muito à frente de seu tempo. Desse modo, de acordo com Giles (1989), Kierkegaard pode ser considerado como o filósofo existencialista de maior destaque por ser o precursor desta corrente filosófica, por apresentar uma análise profunda e pioneira da existência humana no contexto moderno e, sobretudo, por sua influência sobre todos os filósofos existencialistas-fenomenólogos ulteriores.

A maneira mais recorrente que Kierkegaard utilizou para compreender os fenômenos humanos era utilizar suas experiências pessoais como base das análises que se constituíram, mais tarde, em obras clássicas do Existencialismo. Em *Temor e Tremor*, por exemplo, Kierkegaard analisou o que, para ele, era um dos fenômenos humanos mais complexos: a fé. O filósofo assinou o texto com um de seus pseudônimos, Johannes de Silentio, em uma tentativa de comunicação indireta com o leitor. Kierkegaard não queria estar em uma posição de “dono da verdade” e transmiti-la aos outros; não por acaso, no prólogo do livro, ele salienta que nem mesmo se considera filósofo. Desta forma, Kierkegaard faz uma relativização da verdade e propõe uma nova espécie de comunicação ao leitor. Nesta obra, a análise é direcionada ao estudo do episódio bíblico de Abraão para compreender a natureza da fé. O autor inicia a obra trazendo várias versões da história de Abraão e Isaac, permanecendo a relação “Absurdo/Fé” como ponto em comum. A passagem bíblica original de Abraão e Isaac revela-se instigante e complexa em sua própria leitura o que, provavelmente, despertou todo o interesse de Kierkegaard em aprofundar a compreensão de tal passagem em uma análise existencial. Eis a passagem bíblica:

Depois disso, Deus provou Abraão, e disse-lhe: “Abraão!” – “Eis-me aqui”, respondeu ele. Deus disse: “Toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaac; e vai à terra de Moriá, onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te indicar.” No dia seguinte, pela manhã, Abraão selou o seu jumento. Tomou consigo dois servos e Isaac, seu filho, e, tendo cortado a lenha para o holocausto, partiu para o lugar que Deus lhe tinha indicado. Ao terceiro dia, levantando os olhos, viu o lugar de longe. “Ficai aqui

com o jumento, disse ele aos seus servos; eu e o menino vamos até lá mais adiante para adorar, e depois voltaremos a vós.” Abraão tomou a lenha do holocausto e a pôs aos ombros de seu filho Isaac, levando ele mesmo nas mãos o fogo e a faca. E, enquanto os dois iam caminhando juntos, Isaac disse ao seu pai: “Meu pai!” – “Que há, meu filho?” Isaac continuou: “Temos aqui o fogo e a lenha, mas onde está a ovelha para o holocausto?” – “Deus, respondeu-lhe Abraão, providenciará ele mesmo uma ovelha para o holocausto, meu filho.” E ambos, juntos, continuaram o seu caminho. Quando chegaram ao lugar indicado por Deus, Abraão edificou um altar; colocou nele a lenha, e amarrou Isaac, seu filho, e o pôs sobre o altar em cima da lenha. Depois, estendendo a mão, tomou a faca para imolar seu filho. O anjo do Senhor, porém, gritou-lhe do céu: “Abraão! Abraão!” – “Eis-me aqui!” – “Não estendas a tua mão contra o menino, e não lhe faças nada. Agora eu sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu próprio filho, teu filho único.” Abraão, levantando os olhos, viu atrás dele um cordeiro preso pelos chifres entre os espinhos; e, tomando-o, ofereceu-o em holocausto em lugar de seu filho. Abraão chamou a este lugar Javé-yiré*, de onde se diz até o dia de hoje: “Sobre o monte de Javé-Yiré.” (GÊNESE, Capítulo 22) – Javé-Yiré significa “o Senhor Proverá” (GÊNESE 22, 14).

Kierkegaard, desta forma, aprofundou seus estudos sobre esta passagem bíblica do livro Gênese (pertencente ao Velho Testamento), inserindo-o em sua epistemologia subjetiva e lançando conceitos e interpretações diferentes da história do patriarca bíblico, contribuindo para que *Temor e Tremor* fosse classificada posteriormente como uma obra Existencialista. Alguns importantes conceitos kierkegaardianos são apresentados ao longo deste livro. Alguns deles dizem respeito aos “estádios da existência”. Kierkegaard descreveu três fases da existência humana, as quais possuem características próprias de conduta. O primeiro estágio foi denominado por ele como “estádio estético”. Este estágio implica a continuidade quase completa do indivíduo com as coisas materiais e imediatas da natureza (em uma espécie de dominação completa dos sentidos e dos sentimentos) das quais não consegue manter-se distante (GILES, 1989). O homem, neste estágio, seria pouco questionador, seria guiado apenas pelo hedonismo, ou seja, regido basicamente pela busca do prazer. Já no segundo estágio, o “ético”, há um questionamento maior (em uma nuance individual) frente aos eventos vivenciais.

O estágio ético aprofunda a consciência do conflito real entre o universal, ou seja, aquilo que se exige de todos sem exceção e a interioridade da subjetividade [...] O homem, neste estágio, age sem precisar de justificativas de ordem racional. (GILES, 1989, p. 10).

E, por último, o “estádio religioso” seria, para Kierkegaard, a fase culminante da existência humana, “a mais elevada forma de vida” (FARAGO, 2006, p. 173). Nesta fase, existe a possibilidade de se resolver os conflitos do indivíduo, pois há uma ampliação dos questionamentos usando a fé como base. Porém, paradoxalmente, é também nesta fase que se dá a máxima do desespero, pois o homem percebe que sua própria fé pode ser questionada. Dentro desta perspectiva, de acordo com um dos intérpretes de Kierkegaard, “a transição do estágio anterior para o estágio religioso acontece à base de um salto (e não de uma reflexão) que não traz garantias de êxito em termos humanos” (GILES, 1989, p. 11). Este salto revela ao Ser Humano suas dimensões eternas e finitas paralelamente. Após desenvolver tais conceitos, Kierkegaard propõe que tais estádios não são

sucessivos em um tempo linear ou podem se *excluir* mutuamente, pois o Indivíduo pode passar de um estágio para o outro ainda vivenciando resquícios do primeiro estágio (porém com um estado de consciência modificado frente a tais vivências). Para ele esses estágios devem ser descritos como possibilidades. A responsabilidade de fazer ou não os atos de cada estágio é de cada Indivíduo. Desta forma, o filósofo assinala que o movimento da existência é um movimento individual e que os questionamentos que podemos fazer são somente voltados para o modo de existência das pessoas.

Podemos, então, contextualizar o episódio bíblico de Abraão dentro de um dos estágios kierkegaardianos de existência – o estágio religioso (a narrativa de Abraão é inserida dentro do ponto culminante da existência humana). Situando-se dentro deste, Abraão estava inclinado a agir por um dogma (que exclui justificativas de ordem racional; as justificativas só se dariam individualmente e instantaneamente a Abraão). Segundo Kierkegaard, o Indivíduo que se encontra dentro de tal estágio, será movido pela intensidade do dever, de modo que sua consciência esteja direcionada pela plena validade de seu ser. Desta forma, Abraão saltou para o estágio religioso da existência, aceitando o absurdo da exigência divina e concordando com uma suspensão do ético e do estético, em prol do religioso. As regras gerais e universais não seriam suficientes para conduzir a escolha de Abraão frente ao pedido divino, mas ele teria de fazê-lo independentemente de quaisquer críticas racionais. Porém o desespero e a ansiedade que Abraão sentiu foram resultados de experiências tanto do estágio ético quanto do religioso que proporcionaram uma indicação à conduta do personagem bíblico. Ou seja, a escolha ética de Abraão esteve simultaneamente voltada para si mesmo e voltada para as tarefas que o mundo lhe impôs.

Em sua natureza sobre a natureza da fé em Abraão, Kierkegaard assinala que é na forma de paradoxo que a fé se revela:

Porque aquele que se amou a si próprio foi grande pela sua pessoa; quem amou a outrem foi grande dando-se; mas o que amou a Deus foi o maior de todos. A história celebrará os grandes homens [...] Aquele que lutou contra o mundo, foi grande triunfando do mundo, o que combateu consigo próprio foi grande pela vitória que alcançou sobre si – mas aquele que lutou contra Deus foi o maior de todos (KIERKEGAARD, 1979, p. 118).

Segundo a tradição bíblica, o Homem é concebido como o ser expulso do paraíso, mas que está em uma constante conscientização de sua existência depois de sua luta contra Deus. Neste sentido, Abraão serviu a Deus ao preparar o sacrifício divino, porém negou-o ao hesitar em matar seu próprio filho no “quase instante” do ato. Se Abraão amou e negou a Deus, de acordo com Kierkegaard, ele foi o maior de todos os homens: “grande pela energia cuja força é fraqueza, grande pelo saber cujo segredo é loucura, pela esperança cuja forma é demência, pelo amor que é o ódio a si próprio” (KIERKEGAARD, 1979, p. 118). Esta dialética dos pares de opostos presentes no Ser Humano, constitui-se em um dos traços mais marcantes da obra de Kierkegaard.

Em várias passagens do texto, o filósofo mantém-se na posição de admiração e respeito a Abraão, por uma série de motivos. Um deles: há algo oculto na narrativa do patriarca bíblico – a sua angústia. Abraão ama a Deus e a seu filho, porém seu dogma religioso demanda que se deve amar a Deus acima de todas as coisas. Em uma espécie de teste, Abraão deve sacrificar algo seu que seja de valor

incomensurável para provar sua fé. De acordo com Kierkegaard, “enquanto para com o dinheiro não tenho nenhuma espécie de obrigação moral, o pai está ligado ao filho pelo mais nobre e mais sagrado vínculo”. (KIERKEGAARD, 1979, p. 124). Desta forma, Abraão foi um personagem que sofreu intensamente no caminho solitário da fé, sem o aparato de alguém para auxiliá-lo ou compreendê-lo. Abraão inclinou-se para relacionar-se com o Infinito (o qual é somente possível através da fé), mas este ato demandou uma opção de natureza individual. Seu drama trágico envolve, portanto, seus aspectos angustiantes individuais que não são replicáveis no geral, se comparada a outras narrativas religiosas. Abraão sofreu intensamente, uma vez que sua liberdade (e inerentemente sua angústia) esteve à frente das possibilidades de escolha no ato religioso. Kierkegaard explana isto de forma muito clara, alegando que, desta forma, Abraão foi testado eticamente ao se deparar com os limites intrínsecos de sua subjetividade. Mas ao mesmo tempo, o personagem também sofreu dilemas morais implícitos, pois a possibilidade *per se* de um pai sacrificar seu próprio filho seria repudiada moralmente por constituir-se em uma conduta social execrável. Desta forma, a suspensão ética que Abraão sofreu entrou em discórdia com suas próprias tendências enquanto Indivíduo e contra as exigências da coletividade em geral. O seu “eu” foi tomado por um complexo conflito existencial nesta tentativa de conciliação entre a compreensão do Absoluto e as concepções limitadas da realidade imediata. Neste constante movimento, o Ser Humano está sempre inacabado.

A respeito da fé, Kierkegaard afirma: “é justamente aquele paradoxo segundo o qual o Indivíduo se encontra como tal acima do geral, sobre ele debruçado de maneira que o Indivíduo como tal encontra-se numa relação absoluta com o Absoluto” (KIERKEGAARD, 1979, p. 142). Nesta perspectiva, o conceito de Absoluto deve ser pensado como algo fechado à dialética e como um sentido existencial impossível de ser pensado racionalmente. Ou seja, o homem religioso sofre um abismo intransponível entre a Natureza e o Espírito, entre Tempo e o Perpétuo, mantendo uma dependência incondicional com o Absoluto. Neste contexto, Abraão é um homem de fé, pois ele saltou do estágio ético para o religioso, porém com o estágio ético também plenamente assumido por ele. Deste modo, Abraão rompe radicalmente como o mundo ao crer no Absoluto, mas depois volta para o mundo e recebe-o novamente, ao ter Isaac de volta como seu filho, pois seu ato de fé movimentou-se para o eterno e para o finito. Seu ato de fé não se resume à completa renúncia do mundo, pelo contrário, pelo ato de fé Abraão obteve seu próprio filho pela fé. Ou seja, Abraão renunciou temporariamente ao mundo imediato para se relacionar com o Absoluto, porém consciente de que neste próprio mundo ele poderia alcançar sua felicidade.

Mas algo diferente aconteceu a Abraão após este episódio: ele adquiriu consciência de uma outra realidade que, para ser seguida, o Indivíduo deve converter-se à ela em uma tentativa de concílio entre o Absoluto e o imediato para alcançar a realização da existência. Desta maneira, Kierkegaard mantém-se em uma posição essencialmente dualista ao afirmar que o homem possui corpo e alma, mas ele também é espírito que assume decisões éticas e religiosas para se conscientizar. O filósofo mantém a posição de que a existência humana está sempre revendo o problema ético-religioso, porém sem fazê-lo completamente. Nesta lógica, o Homem não terá momentos existenciais nos quais esteja complacente consigo mesmo, pelo contrário, haverá uma incessante busca pelo “eu ideal”. Podemos perceber este ensinamento existencial de Abraão em *Temor e Tremor*, no qual,

segundo Kierkegaard, o Homem deve comprometer-se totalmente com o Absoluto e parcialmente com o que é relativo. Em um discurso dialético, Deus, o mundo e o Indivíduo estariam mergulhados em um único sistema, constituindo um sistema íntegro e total em sua essência, que é o Espírito Absoluto. Desta maneira, nesta obra, Kierkegaard deixa claro que o Homem é um ser dependente de Deus, mas a problemática envolvida neste fato é a possível conciliação entre aceitar tal dependência sem negar a liberdade humana. O homem deve estar consciente do modo de agir com o que é relativo e com o que é infinito, realizando uma conjunção entre o tempo e a eternidade sendo que o retorno ao mundo imediato estético deve ser concedido somente por Deus.

A angústia de Abraão esteve presente no caminho que ele seguiu para alcançar a consciência de si mesmo tendo Isaac do seu lado. Analisando a etimologia da palavra “angústia”, encontramos nos escritos de Ponte que o vocábulo provém do latim e indica algo de “desconfortável ou doloroso como apertar, sufocar, esganar, atormentar, estreitar, brevidade, escassez, concisão” (PONTE, 2001, p. 29). Através desta descrição, é nítida a sobrecarga negativa através da qual o termo designa-se como sentimento humano. Porém, este autor também irá enfatizar que “só foi possível falar em angústia no momento em que, na história da humanidade, foi possível pensar em uma subjetividade” (PONTE, 2001, p. 29). Deste modo, a subjetividade humana colocada em evidência no pensamento de Kierkegaard traz uma grande contribuição para compreender o Ser Humano, principalmente porque esta base epistemológica é considerada um marco pioneiro por este filósofo. Em sua análise da história de Abraão e Isaac, Kierkegaard ressalta que o patriarca bíblico foi ordenado a realizar o sacrifício de seu filho em nome do divino, mas teve a liberdade de pensar em suas possíveis atitudes e tomar uma escolha. Porém, esta liberdade é carregada de responsabilidade, o que pode acarretar em um sentimento intenso de angústia, pois as possibilidades de escolha excluem-se mutuamente. Segundo Farago, “a angústia é o estado que fere o homem que pretende permanecer no estágio estético da existência” (FARAGO, 2006, p. 124). Abraão sofreu uma tensão subjetiva que se situava na tentativa de concílio entre seu universo individual e a dimensão da eternidade. Mas a angústia está sempre presente como ameaça na vida de todo Ser Humano, tornando-se um fator intrínseco da condição de existência.

No decorrer de toda a obra, Kierkegaard está sempre debatendo a respeito da dialética da fé. Porém, ainda deixa transparecer seu passado construído em uma família que adotava rigidamente os conceitos religiosos cristãos no dia-a-dia. E o que podemos analisar, é o fato do filósofo reelaborar sua fé enquanto sentido individual, e não como doutrina hierárquica rígida que se volta ao coletivo. A luta que Kierkegaard travou contra o cristianismo refere-se ao seu caráter doutrinário. Este pensador ilustra seu ideário em uma das passagens do livro:

O amor de Deus é, para mim, a um tempo na razão inversa, incomensurável com toda a realidade [...] A fé é a mais alta paixão de todo homem. Aquele que chegou até a fé, e pouco importa que tenha dons eminentes ou que seja uma alma simples, esse não se detém na fé; indignar-se-ia até se lho disséssemos. (KIERKEGAARD, 1979, p. 127 e 185).

Esta busca individual de Kierkegaard para reafirmar sua religião é evidente em sua análise de Abraão. Para ele, o paradoxo que existe no fato deste situar-se

como Indivíduo em uma relação absoluta com o Absoluto é incompreensível a todos, pois é um dilema que se restringe somente à individualidade de Abraão. A relação que se estabelece entre nós e Deus (e até a própria concepção individual de Deus) passa primeiramente pela dúvida. Os conceitos religiosos devem ser compreendidos como possibilidades, sendo possível uma construção da verdade subjetiva em cada Indivíduo, pois a vida humana é caracterizada por sua singularidade. Estas idéias de Kierkegaard contradiziam o discurso dogmático e burocrático da Igreja luterana. O filósofo debateu suas ideias com importantes personagens religiosos ao assinalar a individualidade da fé acima das concepções gerais de uma religião. Para ele, a fé seria uma paixão e é nesta que a existência humana encontra sua completude. A religião, ao longo da leitura de *Temor e Tremor*, é caracterizada como capaz de gerar um sentimento voltado para a interioridade de cada Indivíduo, onde este estaria em relação consigo mesmo diante de Deus. A fé paradoxal, desta maneira, é apontada na narrativa de Kierkegaard como possível solução do complexo sofrimento humano. Por isso, para Kierkegaard o estádio religioso representa o ápice da existência humana.

É interessante também o modo como o filósofo se debruça no paradoxo entre fé/moral/ética, para compreender o relato bíblico. Algumas vezes Abraão poderia ser criticado, por ser ele quem montou o cenário do sacrifício de seu próprio filho em nome do Absoluto. Outras, ele poderia ser visto de maneira mais empática, por sofrer uma angústia intensa em sua solidão e por não abandonar seu estádio ético. Nesta história, entra em questão a soberania da fé ou da razão para explicar os fenômenos humanos. Abraão vive uma intensa fusão entre o universal e o particular. Mas no decorrer da análise de Kierkegaard, podemos perceber que nem a fé e nem a razão, isoladamente, conseguem explicar o Indivíduo em sua totalidade, uma vez que o filósofo está no movimento inverso de encaixar a realidade em um sistema. É como se Abraão estivesse em uma luta consigo mesmo para realizar a sua existência (a conquista do próprio “eu” na sua individualidade). Kierkegaard, em seu trabalho de interpretação da narrativa bíblica, deixa transparecer sua opinião de que a dialética da fé é a mais intensa entre todas as realidades.

Kierkegaard também condena o exagero de objetividade no tratamento do Homem em *Temor e Tremor* ao fazer o discurso dialético entre fé e razão. Para ele, o conhecimento da verdade objetiva deve ter algum efeito na existência, como um todo, de cada Indivíduo particular. Ao fazer isto, Kierkegaard estabelece uma nova relação entre observador e objeto de estudo, colocando o Homem em evidência. Deste modo, é nítido o traço existencialista característico das obras deste filósofo, e mais especificamente em *Temor e Tremor* quando ele debate a relação entre fé e razão (ou subjetividade e objetividade, respectivamente). Kierkegaard afirma que é através da subjetividade que o Ser Humano pode alcançar a objetividade (MARTINS E BICUDO, 1983). O filósofo coloca em evidência na narrativa bíblica de Abraão, que Deus é um Ser incognoscível pelo método da razão, devido à colossal diferença entre a natureza do Homem e a de Deus. Para ilustrar este exemplo, Kierkegaard afirma que “a fé começa precisamente onde acaba a razão” (KIERKEGAARD, 1979, p. 135). Desta maneira, este pensador demonstra toda sua indignação pelo uso abusivo da racionalidade nos dogmas religiosos que diluem o individual no universal, matando a subjetividade humana. A dialética kierkegaardiana aproxima-se, assim, do processo de subjetivação em Psicologia, pois o Indivíduo está sempre em destaque enquanto um fenômeno inconstante que escapa às explicações puramente objetivas.

Considerações Finais

Em resumo, o que podemos compreender desta obra é que o desenrolar do conflito existencial de Abraão ocorreu na possibilidade que norteou o seu “eu”. Isto abriu espaço para muitas escolhas que ele deveria ponderar solitariamente. Logo, a leitura de *Temor e Tremor* nos deixa claro que não iremos encontrar nos escritos de Kierkegaard um pensamento sistemático, argumentado com conclusões fechadas em si, mas sim questões existenciais onde a dialética é pensada em um contexto vivencial tendo o Indivíduo como enfoque. Em *Temor e Tremor*, Kierkegaard não está inclinado a reconciliar os contrastes entre fé e razão, mas sim em vivenciá-los com intensidade e também a todos os pares de opostos (verdade/absurdo; revelação/mistério; razão/incerteza; etc.), pois estes dão uma orientação à existência humana. O filósofo está sempre fazendo reflexões de sua própria consciência, ressaltando as condutas da sua própria vida. Ele está inserido em uma dinâmica de constante nascimento para si mesmo, libertando-se de todos os conceitos e padrões pré-concebidos e falsificados. Desta forma, a filosofia de Kierkegaard volta-se para o significado último da existência e das complexas implicações do fato de ser cristão. Para ele, a forma mais profunda de vivenciar o cristianismo é através da certeza da fé. Isto poderia trazer algumas lacunas objetivas, resultando-se em paradoxo e absurdo. Assim, o ingresso do Homem no estádio religioso, não irá trazer uma inerente tranquilidade, mas sim, um permanente conflito, uma vez que este estádio visa a conciliação do finito e do eterno, porém este último revela-se incompreensível à mente humana.

De acordo com Giles, “a própria verdade torna-se sinônimo de subjetividade, ou seja, a verdade deve significar um compromisso pessoal do Indivíduo, já que esta tem raízes na existência concreta integrada de cada Indivíduo particular” (GILES, 1989, p. 7). Ou seja, a razão deve ser colocada em segundo plano, pois este fenômeno somente será compreendido se for atravessado pela dinâmica da subjetividade. Desta maneira, ainda segundo esse autor, “Kierkegaard tem uma atitude de fé ao defender a apropriação do cristianismo pelo Indivíduo a qual tem o potencial de realizar a paixão do Infinito, que é a subjetividade” (GILES, 1989, p. 6). Este filósofo sacrificou socialmente sua própria vida em busca de uma verdade individual que trouxesse sentido existencial, procurando Deus em seu próprio silêncio como forma de oração. Deste modo, a filosofia de Kierkegaard está intrinsecamente relacionada com a fé e com o sentido da existência humana. Este pensador resgata o sentimento que o Ser Humano tem em seu interior em relação ao mistério e ao infinito, para que o mundo finito não se torne o único objeto de atenção em nossa existência. Sua busca pela verdade esteve voltada para sua interioridade, marcando uma nova era de pensadores que concebem o Ser Humano como Indivíduo subjetivo. Os escritos deste pensador são amplamente embasados na dialética e na contradição que fazem parte da existência concreta do Ser Humano, o que traz precisão em sua análise de conceitos abstratos como a fé, por exemplo.

Enfim, esse autor ao realizar o conteúdo existencial denso presente em *Temor e Tremor* ilustra o quão pioneiro foi a discussão da natureza da fé no século XIX, e como esta obra ainda tem repercussão em nosso contexto histórico atual. A leitura desta obra é indicada a pessoas que já conhecem os fundamentos básicos da

filosofia existencialista uma vez que *Temor e Tremor* é um estudo delimitado em um tema específico, contendo descrições de uma análise existencial. Para as pessoas que se interessam pelo tema, a leitura irá se apresentar como uma análise complexa e profunda da relação do Ser Humano com a sua fé. O leitor poderá também conhecer um pouco desse filósofo instigante ao se deparar com a descrição de sua vida pessoal dentro de tal análise, pois Kierkegaard salientou que é impossível negar nossa subjetividade humana na tentativa de descrever, objetivamente, as dimensões da existência do Indivíduo.

* * *

Referências

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*: Edição Pastoral-Catequética. São Paulo: Editora Ave-Maria Ltda, 1998, 117ª ed.

FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis: Vozes, 2006.

GILES, Thomas Ransom. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1989.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. *Temor e Tremor* (Coleção os Pensadores). Tradução Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. Viggiani. *Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação*. São Paulo: Moraes, 1983.

PONTE, Carlos Roger Sales da. A angústia no pensamento de Kierkegaard. *Filosofia Ciência e Vida*. São Paulo, Ano III, nº 28, pp. 26 – 33.